

## A CONCEPTUALIZAÇÃO METAFÓRICA DO CONCEITO *CORAÇÃO* EM HOMILIAS DO PAPA FRANCISCO

Sérgio Ricardo P. de CARVALHO<sup>1</sup>  
Luiz Henrique S. de ANDRADE<sup>2</sup>

**Resumo:** A presente pesquisa se propôs a analisar, através de expressões linguísticas metafóricas, como é categorizado o conceito *coração*, em homilias Papais, na perspectiva dos MCIs metafóricos. Como referencial teórico, utilizamos a Teoria da Metáfora Conceptual empreendida por Lakoff e Johnson (2002 [1980]), os Modelos Cognitivos Idealizados de Lakoff (1987) e as contribuições de Feltes (2007), os estudos da interface entre metáfora e cultura sob a perspectiva de Kövecses (2005), e a relação entre metáfora e ideologia, introduzida por Goatly (2007) e colaboradores. O *corpus* utilizado para este estudo é constituído de 65 homilias extraídas do site A Santa Sé, proferidas entre janeiro e dezembro de 2015. Na análise qualitativa dos dados foi confirmada nossa hipótese de que a metáfora utilizada para categorização do conceito em estudo reflete valores culturais/ideológicos, os quais devem ser seguidos pela comunidade religiosa. Verificamos que o conceito *coração* foi categorizado metaforicamente como *recipiente*, que pode estar *cheio/vazio*, *aberto/fechado* e onde pessoas ou sentimentos podem *entrar/sair*.

**Palavras-chave:** Metáfora Conceptual. Ideologia. Homilia.

**Abstract:** The present research proposes to analyze, through metaphorical linguistic expressions, how the concept of *heart* is categorized in papal homilies in the perspective of the metaphorical MCIs. As theoretical reference, we used the Theory of Conceptual Metaphor undertaken by Lakoff and Johnson (2002 [1980]), the Idealized Cognitive Models by Lakoff (1987) and the contributions of Feltes (2007), the interface studies between metaphor and culture under the perspective of Kövecses (2005) and the relation between metaphor and ideology, introduced by Goatly (2007) and collaborators. The corpus used for this study is made up of 65 homilies extracted from the Holy See site, given from January to December 2015. The qualitative analysis of the data confirmed our hypothesis that the metaphors used for categorization of the concept in focus reflects the cultural/ideological values, which should be followed by the religious community. We verified that the concept of *heart* was metaphorically categorized as a container, which may be *full/empty*, *open/closed* and where people and feelings can *enter/leave*.

**Keywords:** Conceptual Metaphor. Ideology. Homily.

### Introdução

Os estudos sobre a metáfora chegaram à atualidade passando pela tradição retórica, remontada a Aristóteles, deixando valiosas explicações e contribuições que fomentam até hoje os estudos sobre esse fenômeno. Por outro lado, a visão aristotélica

---

<sup>1</sup> Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Aluno especial do Doutorado em Linguística e Graduado em Letras Português pela mesma instituição. Professor de Língua Portuguesa da rede privada de ensino em João Pessoa. E-mail: [sergio.riccardo@hotmail.com](mailto:sergio.riccardo@hotmail.com)

<sup>2</sup> Doutor em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mestre em Linguística e Graduado em Letras Português/Inglês pela mesma instituição. Professor EBTT de Língua Inglesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE/Campus Tauá). E-mail: [luizao\\_andrade2008@hotmail.com](mailto:luizao_andrade2008@hotmail.com)

estabeleceu um tratamento puramente figurativo à metáfora com uma atuação meramente ornamental ou decorativa, objeto da poesia e da retórica. Esse legado foi seguido durante séculos, até ser refutado pela abordagem cognitiva da linguagem.

Foi com a publicação da obra clássica *Metaphors we live by*, em 1980, escrita pelo linguista George Lakoff e pelo filósofo Mark Johnson, que os estudos sobre a metáfora receberam novos influxos. Os autores mudaram a visão clássica da metáfora, reconhecendo seu caráter conceptual presente não somente na linguagem, como também no pensamento e em nossas experiências cotidianas. Esse tratamento cognitivo da metáfora provocou questionamentos, sobretudo no que se refere à dicotomia objetivismo x subjetivismo. Nessa perspectiva, os autores propõem uma abordagem experiencialista da metáfora fundamentada em nossas experiências com o corpo e nossas experiências culturais.

De acordo com Lakoff e Johnson (2002 [1980]), a Teoria Cognitiva da Metáfora Conceptual, um conceito metafórico consiste de uma estrutura binária decorrente da relação de um domínio fonte, conceito mais concreto, de onde são mapeados parcialmente alguns aspectos para um domínio alvo, que envolve conceitos mais abstratos. Logo, depreendemos que não ocorre uma identificação total entre os conceitos metafóricos. Nesse sentido, a metáfora é entendida, discursivamente, como uma operação cognitiva que permite “compreender e experienciar uma coisa em termos de outra” (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980]), p. 18).

Nessa perspectiva de que a metáfora é uma operação cognitiva, importa investigá-la no discurso cotidiano, em todos os discursos, inclusive o religioso, que se utiliza dos textos bíblicos, as Escrituras Sagradas, para fundamentar seus ensinamentos e instruções a serem seguidas pelos membros participantes da comunidade religiosa.

Nessa esfera discursiva, investigamos, nesta pesquisa, a metáfora conceptual **CORAÇÃO É RECIPIENTE**<sup>3</sup> atualizada por diferentes expressões linguísticas circunscritas no gênero discursivo homilia, que se constitui como uma pregação cristã realizada durante uma celebração litúrgica. Recorremos às homilias do Papa Francisco, objeto de nossa investigação, em que observamos a categorização de vários conceitos abstratos atualizados através do modelo cognitivo metafórico, sendo *coração* o mais recorrente.

Para o referencial teórico deste trabalho, recorremos à concepção de metáfora conceptual empreendida nos estudos de Lakoff e Johnson (2002 [1980]), os pressupostos da Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs) aventados por Lakoff (1987) e Feltes (2007), e os estudos sobre a interface entre metáfora, cultura e ideologia, introduzidos por Kövecses (2006), Goatly (2007) entre outros estudiosos.

Partimos da hipótese de que, nas homilias Papais, a conceptualização do conceito supracitado reflete imbricações culturais/ideológicas que transmitem instruções para comunidade religiosa. Ou seja, a categorização do conceito em questão subjaz um conjunto de concepções religiosas, ideológicas e culturais que devem ser seguidas pelos fiéis em suas práticas cristãs. Como objetivo geral, buscamos investigar como é categorizado o conceito *coração* em homilias do Papa Francisco, na perspectiva dos MCIs metafóricos, considerando as relações culturais/ideológicas.

Cumpramos elucidarmos que este artigo apresenta dados da dissertação de mestrado de Carvalho (2017), intitulada “As metáforas conceptuais nas homilias do Papa Francisco”, que se propôs a investigar, através de expressões linguísticas metafóricas,

<sup>3</sup> Conforme convenção proposta por Lakoff e Johnson (2002 [1980]), as metáforas conceptuais são apresentadas em letras maiúsculas.

como são categorizados os conceitos *coração*, *mistério*, *fé* e *caridade*, em homilias Papais, na perspectiva dos MCIs metafóricos.

### Sobre a metáfora

Inicialmente, interessa a este estudo contextualizar, de forma sucinta, algumas noções preliminares sobre os Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs), visando favorecer a compreensão de nossas análises.

No âmbito da Semântica Cognitiva são desenvolvidos os estudos que envolvem as relações existentes entre o funcionamento da mente e nossas experiências do corpo com o mundo. A representatividade dessa relação é obtida na forma como categorizamos o mundo e realizada via Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs). Lakoff (1987) ressalta que:

Sem a capacidade de categorizar, nós não poderíamos de maneira alguma agir, seja no mundo físico ou em nossas vidas sociais e intelectuais. Compreender como categorizamos é fundamental para se compreender como pensamos e agimos, e, portanto, fundamental para compreendermos o que nos torna humanos.<sup>4</sup> (LAKOFF, 1987, p. 6, tradução nossa)

Assim, cada vez que categorizamos alguma coisa, destacamos algumas propriedades, enquanto outras necessariamente são escondidas. Para Lakoff e Johnson (2002 [1980], p. 266, grifo dos autores), “A categorização é uma forma natural de identificar um *tipo* de objeto ou de experiência iluminando certas propriedades, atenuando outras e até escondendo outras.”

Lakoff (1987), ao abordar a Teoria dos Protótipos no âmbito da Linguística Cognitiva, resume o fenômeno da categorização afirmando que a categorização humana é, essencialmente, uma questão de experiência e de imaginação: de um lado estão presentes a percepção, a atividade motora e a cultura, de outro, a metáfora a metonímia e os esquemas de imagens.

O teórico advoga que a maior parte da categorização é automática e inconsciente e que categorizamos pessoas, animais e objetos físicos, mas a maioria das categorizações que fazemos são abstratas.

Ainda conforme o autor, os MCIs utilizam quatro tipos de princípios estruturadores: estruturas de imagem-esquemática; estruturas proposicionais; mapeamentos metonímicos e mapeamentos metafóricos. Tais princípios dão origem a cinco tipos básicos de modelos cognitivos: esquema de imagens, proposicionais, metonímicos, metafóricos, simbólicos. Detalhamos, a seguir, em função dos objetivos de nossa investigação, os modelos de esquema de imagens.

**Os modelos de esquema de imagens** são conceitos diretamente ligados às nossas experiências corpóreas e compostos por imagens sinestésicas, ou seja, são estruturados a partir da percepção que temos do nosso corpo, do movimento, do formato dos objetos.

Feltes (2007, p. 130), ao apontar algumas propriedades importantes relacionadas a tais conceitos, destaca que esses modelos são: (a) de natureza corporal-cinestésica; (b) impõem uma estrutura à experiência de espaço; (c) são mapeados para domínios conceptuais abstratos através de metáfora e metonímia; (d) estruturam modelos cognitivos complexos.

---

<sup>4</sup> Without the ability to categorize, we could not function at all, either in the physical world or in our social and intellectual lives. An understanding of how we categorize is central to any understanding of how we think and how we function, and therefore central to an understanding of what makes us human.

A autora, com base nos estudos de Lakoff e Johnson (2002 [1980]), destaca alguns esquemas de imagens estruturantes dos MCIs oriundos de nossa experiência corpórea. São eles: contêiner (interior – fronteira – exterior); parte-todo; ligação; centro-periferia; origem-percurso-meta; para cima – para baixo. Dentre os esquemas imagéticos apresentados, discorreremos, brevemente, sobre o **esquema contêiner** foco de nossa investigação.

O esquema **contêiner**, de acordo com Feltes (2007, p. 130 grifos da autora),

consiste em uma FRONTEIRA que distingue um INTERIOR de um EXTERIOR. Nosso próprio corpo é experienciado como um contêiner (uma espécie de recipiente) e, a partir dessa experiência, muitas outras coisas passam a ser estruturadas cognitivamente dessa forma objetos, atividades, etc.

A estrutura interior do esquema **contêiner** é composta pelos elementos **interior – fronteira – exterior**. A autora exemplifica contêiner com expressões advindas do conceito de família que exprimem, estruturalmente, a ideia de um **interior**, uma **fronteira** e um **exterior**:

- Estou satisfeito por *entrar* em nossa família.
- É uma família *fechada* – não são sociáveis.
- Isso deve ser mantido *nos limites* dessa família.

Em função dos objetivos deste trabalho, discorreremos, brevemente, sobre a Teoria da Metáfora Conceptual, que também constitui a fundamentação teórica desta investigação.

Lakoff e Johnson (2002 [1980]) afirmam que as metáforas utilizadas em nossa linguagem ordinária exercem grande influência em nossas vidas. Por isso, não devem ser compreendidas apenas como figuras ou ornamentos da linguagem com finalidade estética, mas como figuras de pensamento que integram nosso aparato cognitivo e, por isso, influenciam na nossa maneira de pensar, raciocinar e agir.

Lakoff e Johnson, em 1980, classificam as metáforas conceptuais em três categorias: estruturais, orientacionais, ontológicas<sup>5</sup>.

As **estruturais** são aquelas que estruturam metaforicamente um conceito em termos de outro, ou seja, estruturam nossa maneira de pensar, raciocinar e agir. Um dos exemplos apresentados pelos autores para esse tipo de metáfora é TEMPO É DINHEIRO, em que tempo é compreendido em termos de algo que podemos economizar, desperdiçar, gastar. Nesse caso, o conceito de tempo (abstrato) é estruturado metaforicamente como sendo dinheiro, conceito mais concreto. Algumas expressões metafóricas que atualizam esse tipo de metáfora são: “Você deve calcular bem o seu tempo”; “Eu perdi muito tempo quando estive doente”; “Tenho investido muito tempo nela”.

As **orientacionais**<sup>6</sup> são caracterizadas por organizar um sistema de conceitos em relação a outro com base em nossa experiência física e cultural. Grande parte das

<sup>5</sup> Na revisão da Teoria da Metáfora Conceptual, Lakoff e Johnson (2003) na obra *Metaphors we live by*, especificamente no posfácio, propõem algumas considerações no que diz respeito a essa classificação. Segundo os autores (2003, p. 264), “a divisão das metáforas em três tipos – orientacionais, ontológicas, e estruturais – foi artificial. Todas as metáforas são estruturais (em que elas mapeiam estruturas a estruturas); todas são ontológicas (em que elas criam entidades do domínio alvo); e muitas são orientacionais (em que elas mapeiam esquemas imagéticos orientacionais)”. (Tradução nossa)

<sup>6</sup> Em termos comparativos metáforas ontológicas *versus* metáforas primárias, assinalamos que os dois tipos possuem uma base com as nossas experiências físicas, no entanto, de acordo com Lakoff e Johnson (2003), as primárias têm sua origem na fase da infância e estão na base das metáforas orientacionais. Lakoff e Johnson (2003) reconhecem a grande colaboração de Joseph Grady (1997) com a Hipótese da Metáfora CARVALHO, Sérgio Ricardo P. de; ANDRADE, Luiz Henrique S. de. A conceptualização metafórica do conceito *coração* em homilias do Papa Francisco

metáforas orientacionais está relacionada com orientações espaciais do tipo: “para cima – para baixo”, “dentro – fora”, “frente – trás”, “em cima de – fora de”, “fundo-raso”, “central – periférico”. Como exemplos, temos FELIZ É PARA CIMA e TRISTE É PARA BAIXO, que estão presentes em expressões linguísticas como “Eu estou me sentindo para cima”; “Meu astral subiu”; “Estou me sentindo para baixo”; “Estou deprimido”.

As **ontológicas** são aquelas baseadas nas experiências relacionadas a eventos abstratos como atividades, emoções, ideias etc., em termos de entidades e substância, coisas ou seres. Para os autores, nossa experiência com substâncias e objetos físicos proporciona bases essenciais para nossa compreensão. Na metáfora ontológica MENTE É UMA MÁQUINA, por exemplo, a mente é experienciada como algo que pode estar, dentre outros aspectos, ‘ligado/desligado’, ‘ter um nível de eficiência’, ‘um mecanismo interno’ etc., conforme as seguintes expressões linguísticas: “A minha mente simplesmente não está funcionando hoje.”, “Estou um pouco enferrujado hoje”, “Temos trabalhado neste problema o dia todo e agora está *faltando gás*”.

Segundo os autores, talvez a ocorrência mais óbvia de metáfora ontológica seja a personificação em que “objetos físicos são concebidos como pessoas. Isso nos permite compreender uma grande variedade de experiências concernentes a entidades não-humanas em termos de motivações, características e atividades humanas.” (LAKOFF; JOHNSON, 2002[1980], p.87). Um exemplo típico para essa metáfora segundo os autores, é INFLAÇÃO É UM ADVERSÁRIO que atualiza expressões como “A inflação atacou o alicerce de nossa economia”.

### **A interface entre metáfora, cultura e ideologia**

Uma questão que tem despertado interesse de muitos linguistas, no âmbito dos estudos cognitivos da metáfora, é a relação entre metáfora e cultura. Para Lakoff e Johnson (2002 [1980]), as metáforas são construídas não só com base em nossas experiências físicas, mas também culturais. Sendo assim, as metáforas apresentam base experiencial e são estruturadas segundo nossas experiências corpóreas e culturais.

A relação entre metáfora e cultura recebe novos influxos com os estudos de Kovecses (2005), que entende cultura como um conjunto de entendimentos compartilhados que caracteriza um grupo (grande ou pequeno) de pessoas. Segundo o autor, esses entendimentos compartilhados, sugeridos por antropólogos como uma grande parte da definição de cultura, podem ser, muitas vezes, entendimentos metafóricos. Isso ocorre, segundo o autor, quando o foco de entendimento engloba alguma entidade abstrata, como tempo, nossa vida interna, processos mentais, emoções, qualidades abstratas, valores morais, e instituições sociais e políticas. Dessa forma, nessa abordagem da metáfora, as metáforas podem ser uma parte inerente da cultura.

O autor adverte ainda que, no domínio da Linguística Cognitiva, a metáfora conceptual é muito poderosa e rica e deve ser compreendida a partir da interligação entre vários níveis. Sob esses aspectos, advoga que o pensamento metafórico é fundamentado sobretudo nas experiências humanas do corpo e em atividades neurológicas no cérebro. Diante disso, como as metáforas emergem do funcionamento do nosso corpo e cérebro e os seres humanos se assemelham consideravelmente nesse nível, podemos então entender que a maioria das metáforas que utilizamos seria, portanto, similar e universal.

---

Primária, como um refinamento da Teoria da Metáfora Conceptual. Segundo os autores (2003, p. 256-257), “há centenas de metáforas conceptuais primárias, a maioria delas é aprendida inconscientemente e automaticamente na infância através das atividades do dia a dia com o corpo e o cérebro. Há metáforas primárias para tempo, causalidade, eventos, moralidade, emoções, e outros domínios que são centrais para o pensamento humano”. (Tradução nossa)



O estudioso, ao versar sobre os aspectos universais e a variação do uso metafórico, explica que há variações de metáforas entre diferentes culturas e dentro de uma mesma cultura. Nesse sentido, o autor destaca: o uso cultural de domínios fontes diferentes para um único domínio alvo ou vice-versa, isto é, o uso cultural de um mesmo domínio fonte para conceptualização de um mesmo domínio alvo; um conjunto de metáforas conceptuais comum a duas diferentes culturas, mas que, de algum modo, cada cultura indique preferência pela utilização de uma metáfora específica e, também, pode haver algumas metáforas conceptuais que parecem ser específicas de uma determinada cultura.

Além das dimensões inter e intracultural, aspectos responsáveis pela variação metafórica, Kövecses (2005) observa que as expressões linguísticas podem revelar diferenças sutis entre duas línguas nos traços culturais-ideológicos que caracterizam as diferentes culturas. As metáforas, segundo o autor, não são motivadas apenas cognitivamente, mas também culturalmente e ideologicamente. Assim, à medida que as características culturais mudam, as metáforas e a suas expressões linguísticas também podem mudar. Dessa forma, o teórico advoga que o cognitivo e o cultural são fundidos em um único complexo conceitual. Nesse sentido, conforme o autor, o que chamamos de metáforas conceituais são tanto entidades culturais como cognitivas.

Além da relação cultural, a ideologia também tem sido foco de interesse de pesquisas sobre a metáfora conceptual. De acordo com Van Dijk (2015), ideologia é um sistema básico de crenças compartilhado por vários grupos com o objetivo de representar interesses (ações, objetivos, normas, valores, relações etc.) e nortear as suas práticas político-sociais no mundo.

Nos estudos empreendidos pelo autor, são enfatizados aprioristicamente os aspectos sociais e cognitivos da ideologia bem como a sua manifestação na construção do discurso. Nessa perspectiva, ele advoga que independente de tudo que as ideologias possam representar, elas são antes de qualquer outra coisa “[...] uma espécie de crença, ou seja, representações mentais, como é também o caso de outras formas de *cognição social*, tais como conhecimento, opiniões, atitudes, normas e valores. (VAN DIJK, 2015, p. 54, [grifo do autor])

Em seus estudos, Goatly ressalta a noção de ideologia apresentada por Van Dijk (1998) e sua onipresença em nossas vidas. Segundo o estudioso, a ideologia “É, muitas vezes, imperceptível e onipresente como o ar que respiramos. Afinal de contas, somos todos membros de uma comunidade e compartilhamos os pensamentos e linguagens que tornam possível a ação dentro dessa comunidade ou sociedade.”<sup>7</sup> (GOATLY, 2007, p. 1, tradução nossa)

De acordo com Goatly (2007), as línguas que falamos apresentam categorias já prontas que são entendidas por nós como senso comum. Essas categorias, no entanto, propagam uma ideologia da qual podemos não ter consciência. Assim, acreditamos, ingenuamente, numa linguagem sobre o mundo real, quando na realidade nós temos acesso a um mundo projetado, gerado e organizado inconscientemente pela nossa mente. O autor defende, ainda, que o senso comum, transmitido culturalmente através da linguagem, traz consequências para a ideologia e, também, demonstra como ela influencia o comportamento verbal e não verbal, assim como nossa percepção do mundo.

O autor também explica que é bastante comum as pessoas falarem sobre uma descrição "objetiva" e "imparcial", como se a nossa língua e os textos pudessem simplesmente refletir fielmente uma realidade pré-existente. Entretanto, adverte que na

<sup>7</sup> It is, in fact, often as unnoticeable and ubiquitous as the air we breathe. After all, we are all members of a community and share the thoughts and language that make action within that community or society possible.

verdade não acessamos diretamente o mundo ou a realidade que nos cerca. Até mesmo no ato de percepção, interpretamos ao invés de simplesmente registrar nossas sensações acerca do mundo.

Em seu percurso investigativo, Goatly (2007), ao estudar os efeitos ideológicos de metáforas recrutadas na língua inglesa, evidencia que as metáforas convencionais refletem ideologias que moldam nossas práticas sociais e, assim, estruturam e influenciam determinados comportamentos de ordem pessoal, social, ambiental e política.

Com base nos autores citados, podemos perceber, portanto, que o fenômeno ideológico se faz presente em nossas vidas muitas vezes de maneira imperceptível, podendo influenciar e moldar os pensamentos e atitudes entre pessoas no mundo e, sobretudo, na comunidade discursiva em que o discurso acontece, inclusive no âmbito do discurso religioso, sobre o qual discorreremos neste trabalho. O gênero discursivo homilia<sup>8</sup>, objeto de nossa investigação, encontra-se inserido nessa esfera discursiva, ou seja, no âmbito das práticas religiosas católicas.

## Metodologia

Os textos que constituem o *corpus* deste trabalho são homilias do Papa Francisco<sup>9</sup>, oriundas de missas, viagens apostólicas, visitas pastorais e solenidades coletadas no site A Santa Sé (<http://w2.vatican.va/content/vatican/pt.html>), proferidas entre janeiro e dezembro de 2015<sup>10</sup>, que perfazem um total de 65 textos.

Para seleção dos dados, utilizamos, como critério, a busca de expressões linguísticas nas homilias Papais, atualizadoras por metáforas cognitivas. Desse modo, a partir de leituras atentas dos textos, elegemos como categoria de análise desse trabalho o conceito *coração*, em razão de figurar como o termo abstrato mais recorrente nas expressões linguísticas presentes nas homilias investigadas.

A metodologia utilizada para análise dos dados é de natureza qualitativa, uma vez que o foco principal de nossa pesquisa foi a análise interpretativista dos dados, obtida à luz da Teoria da Metáfora Conceptual, respaldada na interface entre metáfora, cultura e ideologia, que nos permitiu identificar as expressões linguísticas metafóricas e, por conseguinte, as metáforas subjacentes.

Por outro lado, os dados também interagem dinamicamente com a metodologia quantitativa, pois embora nossa finalidade não seja submeter os dados coletados a uma apreciação estatística, o número de expressões linguísticas atualizadoras oriundas do *corpus* em questão revelou a metáfora mais recorrente circunscrita nas homilias Papais investigadas.

No que se refere à descrição/identificação das expressões linguísticas metafóricas presentes nos textos que integraram o *corpus* em estudo, cumpre informar, que estivemos ancorados no procedimento metodológico proposto por Sardinha (2007, p. 140), *método leitura*, para quem “Este método consiste em encontrar metáfora pela leitura de materiais escritos.”

<sup>8</sup> De acordo com Matos (2011), a homilia é parte integrante da ação litúrgica e constitui o ápice da Liturgia da Palavra. O Dicionário Michaelis *online* apresenta as seguintes definições para esse gênero: “sf 1 REL Pregação breve, em tom familiar, que se concentra em um tema ou texto evangélico. 2 REL Leitura e comentário de uma passagem do Evangelho, por ocasião da missa. 3 PEJ Discurso ou texto de caráter moralizante, geralmente longo e monótono.”

<sup>9</sup> Segundo dados do site A Santa Sé, Jorge Mario Bergoglio, jesuíta argentino, é o primeiro americano eleito Papa.

<sup>10</sup> A escolha do ano justifica-se em razão da quantidade de textos disponibilizados pelo site ser mais recente e suficiente para a investigação.

A fim facilitar a leitura dos dados, destacamos em negrito o fragmento da expressão que atualiza a metáfora conceptual constitutiva do *corpus*. Cumpre informar, ainda, que as metáforas conceptuais foram apresentadas em letras maiúsculas, conforme convenção proposta por Lakoff e Johnson (2002 [1980]) e, subsequente a cada recorte textual, encontra-se o nome do local, seguido do dia, mês e ano em que foi proferida a homilia Papal.

### Análise e discussão dos dados

No intento de validar nossa hipótese de que, nas homilias Papais, a conceptualização metafórica do conceito *coração* reflete imbricações culturais/ideológicas que transmitem instruções para comunidade religiosa. Apresentaremos, a seguir, o levantamento e a análise discursiva dos dados sobre a conceptualização de um dos conceitos amplamente citados no contexto bíblico revelado em homilias do Papa Francisco. Ao analisarmos o conceito *coração*, constatamos que ele é compreendido metaforicamente como um recipiente.

<b>CORAÇÃO É RECIPIENTE</b>
1. Podeis fazê-lo, por exemplo, com esta oração simples: «Vinde, Espírito Santo, <b>enchei o coração dos vossos fiéis</b> e acendei neles o fogo do vosso amor!». (Capela Sistina, domingo, 11 de janeiro de 2015)
2. Na primeira leitura de hoje, São Paulo diz-nos que o amor que somos chamados a anunciar é <b>um amor reconciliador, que jorra do coração do Salvador crucificado</b> . (Catedral da Imaculada Conceição, Manila Sexta-feira, 16 de janeiro de 2015)
3. Jesus conhece tudo o que está <b>dentro do nosso coração</b> : nós não podemos enganar Jesus. (Bairro Tor Bella Monaca III Domingo de Quaresma, 8 de março de 2015)
4. Hoje, far-nos-á bem <b>entrar no nosso coração</b> e olhar para Jesus. (Bairro Tor Bella Monaca III Domingo de Quaresma, 8 de março de 2015)
5. <b>Abri o coração</b> à misericórdia de Jesus! Dizei: «Jesus, olha quanta sujidade!» (Bairro Tor Bella Monaca III Domingo de Quaresma, 8 de março de 2015)
6. No silêncio, <b>abriu-lhe o seu coração</b> ; na dor, mostrou-lhe o arrependimento pelos seus pecados; com o seu choro, apelou-se à sua bondade divina para receber o perdão. (Basílica Vaticana Sexta-feira, 13 de março de 2015)
7. Desde já confiamos este Ano à Mãe da Misericórdia, para que dirija para nós o seu olhar e vele sobre o nosso caminho: o nosso caminho penitencial, o nosso caminho <b>com o coração aberto</b> , durante um ano, para receber a indulgência de Deus, para receber a misericórdia de Deus. (Basílica Vaticana Sexta-feira, 13 de março de 2015)
8. Se tivermos <b>o coração aberto</b> , estas emoções e tanto carinho cansam o coração do pastor. (Basílica Vaticana Quinta-feira Santa, 2 de abril de 2015)
9. Hoje, queridos fiéis arménios, recordamos – <b>com o coração</b> trespassado pela dor, <b>mas repleto da esperança no Senhor Ressuscitado</b> – o centenário daquele trágico acontecimento, daquele enorme e louco extermínio que cruelmente sofreram os vossos antepassados. (Basílica de São Pedro II Domingo de Páscoa (ou da Divina Misericórdia), 12 de abril de 2015)
10. E este seja o alimento do Povo de Deus; que as vossas homilias não sejam tediosas; que as vossas homilias cheguem precisamente ao coração das pessoas, porque <b>saem</b>



<p><b>do vosso coração</b>, porque quanto lhes dizeis é aquilo que vós mesmos tendes no coração. (Basílica Vaticana IV Domingo de Páscoa, 26 de abril de 2015)</p>
<p>11. Sabemos que antes de partir para a Califórnia quis ir recomendar a sua vida a Nossa Senhora de Guadalupe, e pedir-lhe, para a missão que estava para empreender, <b>a graça de abrir o coração dos colonizadores e dos indígenas</b>. (Celebração Eucarística no Pontifício Colégio Norte-Americano Sábado, 2 de maio de 2015)</p>
<p>12. <b>Quando entramos no nosso coração</b>, encontramos coisas erradas, que não estão certas, como Jesus encontrou no Templo aquela imundície do comércio, dos negociantes. (Basílica Vaticana, III Domingo de Quaresma, 8 de março de 2015)</p>
<p>13. <b>Tinham o coração cheio de angústia</b> e perguntavam-se: «Como faremos para entrar? (Basílica Vaticana, sábado Santo, 4 de abril de 2015)</p>
<p>14. A nós, é impossível; <b>só Deus pode preencher estes vazios que o mal abre nos nossos corações</b> e na nossa história. É Jesus, feito homem e morto na cruz, que preenche o abismo do pecado com o abismo da sua misericórdia. (Basílica de São Pedro II, domingo de Páscoa (ou da Divina Misericórdia), 12 de abril de 2015)</p>
<p>15. <b>A salvação pode entrar no coração</b> quando nós abrimos à verdade e reconhecemos os nossos erros, os nossos pecados; então façamos experiência, a boa experiência d’Aquele que veio não para os sadios, mas para os doentes, não para os justos, mas para os pecadores (cf. Mt 9, 12-13) (Praça Vittorio Domingo, 21 de junho de 2015)</p>
<p>16. Mas Ele está ao nosso lado com a mão estendida e o <b>coração aberto</b>. (Praça Vittorio Domingo, 21 de junho de 2015)</p>
<p>17. Os discípulos têm medo porque se apercebem que não vão conseguir, mas <b>Ele abre-lhes o coração à coragem da fé</b>. (Praça Vittorio, domingo, 21 de junho de 2015)</p>
<p>18. Maria, rezai, actuai, <b>abri o coração</b> porque o melhor dos vinhos vai chegar. (Parque dos Samanes, Guayaquil, Equador Segunda-feira, 6 de julho de 2015)</p>
<p>19. Não a partir de palavras altissonantes, nem com termos complicados, mas que nasça da «alegria do Evangelho», que <b>«enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus</b>. (Quito, Equador Terça-feira, 7 de julho de 2015)</p>
<p>20. A Igreja é uma mãe de <b>coração aberto</b> que sabe acolher, receber, especialmente a quem precisa de maior cuidado, que está em maior dificuldade. (Campo Grande de Ñu Guazú, Assunção (Paraguai) domingo 12 de julho de 2015)</p>
<p>21. Jesus não insiste com a pergunta, não os obriga a dizer-Lhe o assunto de que falavam pelo caminho; e todavia <b>a pergunta permanece</b>, não só na mente, mas também <b>no coração dos discípulos</b>. (Praça da Revolução, Havana, domingo, 20 de setembro de 2015)</p>
<p>22. Somos convidados a «sair de casa», a ter os olhos e <b>o coração abertos aos outros</b>. (Basílica Menor do Santuário da Virgem da Caridade do Cobre, Santiago de Cuba Terça-feira, 22 de setembro de 2015)</p>
<p>23. Hoje vive-se o paradoxo dum mundo globalizado onde vemos tantas habitações de luxo e arranha-céus, mas o calor da casa e da família é cada vez menor; muitos projectos ambiciosos, mas pouco tempo para viver aquilo que foi realizado; muitos meios sofisticados de diversão, <b>mas há um vazio cada vez mais profundo no coração</b>; tantos prazeres, mas pouco amor; tanta liberdade, mas pouca autonomia. (Basílica Vaticana XXVII Domingo do Tempo Comum, 4 de outubro de 2015)</p>

24. A misericórdia do Pai recebe sempre, <b>há sempre lugar no seu coração</b> , nunca afasta ninguém. (Basílica Vaticana XXX Domingo do Tempo Comum, 25 de outubro de 2015)
25. É a única forma de <b>abrir o seu coração à escuta de Deus</b> . (Estádio Municipal Artemio Franchi, Florença, terça-feira, 10 de novembro de 2015)
26. Está-se no seu grupo, mas <b>perde-se a abertura do coração</b> , perdem-se a admiração, a gratidão e o entusiasmo e corre-se o risco de tornar-se «consuetudinários da graça». (Basílica Vaticana XXX Domingo do Tempo Comum, 25 de outubro de 2015)
27. No Evangelho de hoje, Jesus dirige duas perguntas aos seus discípulos. A primeira: «Para o povo, quem é o Filho do Homem?» (Mt 16, 13), é uma interrogação que demonstra <b>como o coração e o olhar de Jesus estão abertos a todos</b> . (Estádio Municipal Artemio Franchi, Florença Terça-feira, 10 de novembro de 2015)
28. Com a sua ternura, <b>o Senhor abre-nos o seu Coração</b> , oferece-nos o seu amor. (Basílica Vaticana, sábado, 12 de dezembro de 2015)
29. Porém, <b>a vinda do Senhor deve encher o nosso coração de alegria</b> . (Domingo, 13 de dezembro de 2015 III Domingo de Advento)
30. O profeta, que traz inscrito no seu próprio nome — Sofonias — o conteúdo do seu anúncio, <b>abre o nosso coração à confiança</b> : «Deus protege» o seu povo. (Domingo, 13 de dezembro de 2015 III Domingo de Advento)
31. Por isso hoje ao abrir esta Porta Santa, espero <b>que o Espírito Santo abra o coração de todos os romanos</b> e faça com que eles vejam qual é o caminho da salvação! (Albergue da Cáritas, Via Marsala, Roma Sexta-feira, 18 de dezembro de 2015)
32. Primeiro, <b>que o Senhor abra a porta do nosso coração</b> , a todos. (Albergue da Cáritas, Via Marsala, Roma Sexta-feira, 18 de dezembro de 2015)
33. <b>O nosso coração já estava cheio de alegria</b> vislumbrando este momento; mas, agora, aquele sentimento multiplica-se e sobreabunda, porque a promessa se cumpriu: finalmente realizou-se. (Basílica Vaticana Quinta-feira, 24 de dezembro de 2015)
34. <b>É bom abrir sempre o coração uns aos outros</b> , sem nada esconder. (Basílica Vaticana Domingo, 27 de dezembro de 2015 Sagrada Família de Jesus, Maria e José)

Fonte: CARVALHO, 2017, p. 55-59.

Para Lakoff e Johnson (2002 [1980]), a compreensão de nossas experiências em termos de objetos e substâncias possibilita-nos tratá-las como entidades discretas ou substâncias de uma espécie uniforme. Assim, nos recortes supracitados, o conceito *coração* é categorizado como um recipiente que pode estar *cheio*: “**enchei o coração**”, “**jorra do coração**”, “**com o coração repleto da esperança no Senhor**”, “**cheio de angústia**”, *aberto*: “**Abri o coração**”, “**abriu-lhe o seu coração**”, “**com o coração aberto**”, “**coração aberto**”, “**abre-lhes o coração**”, “**coração aberto**”, “**abra a porta do nosso coração**”, *vazio*: “**preencher estes vazios que o mal abre nos nossos corações**”, onde as pessoas (ou sentimentos) podem *entrar*: “**Quando entramos no nosso coração**”, “**A salvação pode entrar no coração**”, “**entrar no nosso coração**”, “**dentro do nosso coração**”, *sair*: “**saem do vosso coração**”. Desse modo, temos a atualização da metáfora ontológica CORAÇÃO É RECIPIENTE, que exhibe uma recorrência expressiva nas expressões linguísticas que compuseram as homílias investigadas.

Feltes (2007), com base nos princípios lakoffianos, afirma que o esquema de imagem CONTAINER é estruturado de acordo com os elementos INTERIOR-FRONTEIRA-EXTERIOR e que a compreensão do nosso corpo como um CONTEINER

(recipiente) serve, cognitivamente, como base estruturante para outros conceitos, neste caso, *coração*, mapeado como contêiner.

Cumprir informar que, nas ocorrências metafóricas em tela, o termo *coração* é utilizado não no seu aspecto físico, órgão vital do corpo humano, mas no sentido abstrato, como parte emocional/sentimental de uma pessoa.

Nesse sentido, nos excertos sob análise, o homilista estabelece limites internos no *coração* a que seres ou coisas, situadas no domínio de elementos mais abstratos, possam adentrá-lo: “Espírito Santo”, “amor”, “misericórdia”, “indulgência”, “esperança”, “homilias”, “coisas erradas”, “angústia”, “Deus”, “salvação”, “coragem”. Assim, ao experienciarmos metaforicamente o *coração* como um recipiente, não mapeamos apenas os elementos estruturais INTERIOR-FRONTEIRA-EXTERIOR, conforme mencionado anteriormente, mas a inferência de que algo pode estar situado dentro ou fora dos limites desse contêiner, estabelecendo, portanto, a categorização de um recipiente que pode estar *cheio/vazio, aberto/fechado*.

Por outro lado, tal entendimento revela valores ideológicos a serem seguidos pela comunidade religiosa, assim, *dentro/fora* do coração demarcam a seguinte orientação: o que é bom deve estar situado *dentro* do coração, ou seja, no espaço interior desse contêiner, e o que é ruim *fora* dele, ou seja, externo ao coração. Com base nesse mapeamento, a demarcação *dentro/fora* do *coração* repercute, também, a metáfora orientacional correlata BOM É DENTRO (DO CORAÇÃO)/RUIM É FORA (DO CORAÇÃO).

Nessa perspectiva, o Papa postula que devemos *guardar/preservar* os bons conteúdos dentro do coração e lançar para fora os maus, ou seja, as coisas ou sentimentos ruins devem ser situados fora dos limites desse contêiner. Essa demarcação espacial estabelecida pelo homilista, expressa uma ideologia que se configura como um preceito para comunidade religiosa e a metáfora orientacional correlata BOM É DENTRO (DO CORAÇÃO)/RUIM É FORA (DO CORAÇÃO) repercute essa postura ideológica.

Conforme expusemos em nossos referenciais teóricos, para Goatly (2007), a ideologia é, muitas vezes, imperceptível, afinal, compartilhamos pensamentos e linguagens dentro de uma mesma comunidade que tornam possível agir dentro dela. Assim, acreditamos, também, que a metáfora orientacional supracitada, quando transmitida aos fiéis através de expressões linguísticas, transporta uma ideologia da qual não temos consciência, mas que tem o poder de influenciar o comportamento e ações dos fiéis da comunidade religiosa.

Ainda conforme Goatly (2007), as metáforas constroem e propagam ideologias, reproduzem certos comportamentos entre as pessoas numa sociedade. Em muitos casos, são veiculadas como senso comum, ou seja, entendidas como sendo do conhecimento e aceitação de todos ou quase todos de uma comunidade. É o que acontece com a metáfora em questão, ouvir/reproduzir em nosso cotidiano que os bons conteúdos devem ser situados dentro do coração e os ruins fora dele parece não suscitar nenhum questionamento.

No que se refere ao contexto bíblico, a palavra *coração* é amplamente utilizada para descrever, metaforicamente, várias ações, sentimentos e emoções, como no exemplo: “Pois do interior do coração dos homens vêm os maus pensamentos, as imoralidades sexuais, os roubos, os homicídios, os adultérios, as cobiças, as maldades, o engano, a devassidão, a inveja, a calúnia, a arrogância e a insensatez.” (Bíblia, Marcos 7:21-23)

Podemos observar, de acordo com esse fragmento da Bíblia Sagrada, que no contexto religioso, o termo *coração* se configura como uma fonte que abarca várias ações, sentimentos e emoções humanas, conforme explicitado nas passagens sob análise, em que

a metaforização é realizada a partir de limites circunscritos ao domínio experiencial RECIPIENTE.

Nesse viés interpretativo, entendemos que a construção do discurso do Papa Francisco nas homilias parece ter relações imbricadas com essas questões exibidas na esfera religiosa, uma vez que a metáfora utilizada CORAÇÃO É RECIPIENTE reflete valores ideológicos a serem seguidos pela comunidade religiosa, conforme mostram os excertos apresentados.

Dessa forma, acreditamos que as questões ideológicas que estão na base da metáfora supracitada estão em conformidade com os pressupostos de Goatly (2007), que entende ideologia como representações sociais compartilhadas por membros de um grupo, como já exposto por nós em nossos referenciais teóricos. Também verificamos que se trata de uma metáfora convencional, já que exerce grande influência no agir cristão dos fiéis, expressando uma ideologia implícita, conforme advoga o referido autor.

### Considerações finais

Neste trabalho, investigamos a metáfora conceptual CORAÇÃO É RECIPIENTE atualizada por diferentes expressões linguísticas circunscrita no gênero discursivo homilia, que se constitui como uma pregação cristã realizada durante uma celebração litúrgica. Recorremos às homilias proferidas pelo Papa Francisco, objeto de nossa investigação, em que observamos o uso recorrente da categorização do conceito CORAÇÃO atualizado sob a perspectiva dos modelos cognitivos metafóricos.

Na análise dos dados, a conceptualização metafórica do conceito *coração* exibiu uma recorrência expressiva com relação às expressões linguísticas que compuseram as homilias investigadas. Esse conceito foi categorizado metaforicamente pelo modelo cognitivo contêiner, com a demarcação de limites espaciais que apresentam os aspectos: *cheio/vazio*, *aberto/fechado*, onde pessoas ou sentimentos podem *entrar* ou *sair*, evidenciando, portanto, a atualização da metáfora ontológica CORAÇÃO É RECIPIENTE.

Nesse domínio experiencial recipiente, a demarcação espacial *dentro/fora* (do coração) estabelece o preceito de que o que é bom deve permanecer *dentro* do coração e o que é ruim *fora* dele. Portanto, entendemos, também, que essa forma de referenciar o *coração* nas homilias Papais repercute a metáfora orientacional correlata BOM É DENTRO (DO CORAÇÃO)/RUIM É FORA (DO CORAÇÃO), que expressa essa postura ideológica e, por conseguinte, se constitui como preceito para os fiéis..

Por exercer grande influência no agir cristão dos fiéis, expressando uma ideologia implícita, consideramos as metáforas que constitui o *corpus* em questão convencionais, transmitidas como senso comum, ou seja, entendidas como sendo da aceitação de todos ou quase todos da comunidade cristã católica.

Embora de forma resumida, pudemos observar que o conceito analisado, ao ser categorizado metaforicamente, propaga, defende e divulga os valores culturais/ideológicos da religião cristã católica, os quais se constituem como preceitos que devem ser seguidos pelos fiéis, evidenciando, assim, a estreita relação entre metáfora, cultura e ideologia.

Por fim, ressaltamos que a análise aqui apresentada configura uma possibilidade, podendo ser conduzida a outros desdobramentos e interpretações.

## Referências

- BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. (Tradução de Mateus Horpers). Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1987.
- CARVALHO, S. R. P. de. **As metáforas conceptuais nas homilias do Papa Francisco**. 2017, 80p. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.
- COSTA, A. F.; PINTO, J. de S. A prática discursiva homilética: dialogia, gênero e intertextualidade. **Revista Colineares**, vol. 1, n. 1, jan/jun. 2014, p.51-69. Disponível em: <<http://periodicos.uern.br/index.php/colineares/article/view/938/502>>. Acesso em 27 mai. 2016.
- DICIONÁRIO MICHAELIS ONLINE. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=homilia>>. Acesso em jan. 2017.
- FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. **Semântica Cognitiva: ilhas, pontes e teias**. Porto Alegre: Edipucrs, 2007.
- GOATLY, A. **Washing the brain: metaphor and hidden ideology**. Philadelphia: John Benjamins, 2007.
- GRADY, J. E. **Foundations of meaning: primary metaphor and primary scenes**. 299 p. Dissertation (Ph.D. in Linguistics). University of California, Berkeley, 1997.
- KOVECSES, Z. **Metaphor in Culture: Universality and Variation**. Cambridge: CUP, 2005.
- LAKOFF, G. **Women, Fire and Dangerous Things: What categories reveal about the mind**. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.
- \_\_\_\_\_; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 2003.
- \_\_\_\_\_; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. (Coordenação da tradução Mara Sophia Zanotto) Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: EDU, 2002 [1980].
- MATOS, M. F. de. **O mistério pascal na homilia: um serviço à comunidade por meio da liturgia da palavra**. Dissertação (Mestrado em Teologia Sistemática) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011, 122f.
- SARDINHA, T. B. **Metáfora**. São Paulo: Parábola, 2007.
- VAN DIJK, T. A. Ideologia. (Tradução de Pedro Theobald). **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 50, n. esp. (supl.), p. 53-61, dez. 2015.

### Site consultado:

<http://w2.vatican.va/content/vatican/pt.html>

Acesso entre setembro e outubro 2016.

*Submetido em: 09 de abril de 2020*

*Aprovado em: 06 de julho de 2020*